

# *Poesias Anacreônicas*

## de Bocage

### CANÇONETAS ANACREÔNTICAS

I

#### A ROSA

Tu, flor de Vénus,  
Corada Rosa,  
Leda, fragrante,  
Pura, mimosa,

Tu, que envergonhas  
As outras flores,  
Tens menos graça  
Que os meus amores.

Tanto ao diurno  
Sol coruscante  
Cede a nocturna  
Lua inconstante,

Quanto a Marília  
'Té na pureza  
Tu, que és o mimo  
Da Natureza.

O buliçoso,  
Cândido Amor  
Pôs-lhe nas faces  
Mais viva cor;

Tu tens agudos  
Cruéis espinhos,  
Ela suaves  
Brandos carinhos;

Tu não percebes  
Ternos desejos,  
Em vão Favónio  
Te dá mil beijos.

Manha bela  
Sente, respira,  
Meus doces versos  
Ouve, e suspira.

A mãe das flores,  
A Primavera,  
Fica vaidosa  
Quando te gera;

Porém Manha  
No mago riso  
Traz as delícias  
Do Paraíso.

Amor que diga  
Qual é mais bela,  
Qual é mais pura,  
Se tu, ou ela;

Que diga Vénus...  
Ela aí vem...  
Ai! Enganei-me,  
Que é o meu bem.

## II

### FÍLIS E AMOR

Num denso bosque  
Pouco trilhado,  
E a ternos crimes  
Acomodado,

Por entre a rama  
Fresca e sombria  
Do tenro arbusto  
Que me encobria,

Vi sem aljava Jazer  
Cupido Junto de Fílis,  
À Mãe fugido.

Entre as nevadas  
Mãos melindrosas  
Tinha um fragrante  
Festão de rosas.

A mais brilhante  
Dele afastando,  
Dizia a Fílis  
Com riso brando:

«Mimosa Ninfa,  
Glória de Amor,  
Dás-me um beijinho  
Por esta flor?

«Sou criancinha,  
Não tenhas pejo.»  
Sorriu-se Fílis,  
E deu-lhe o beijo;

Mas o travesso  
Logo outro pede  
À simples Ninfa  
Que lhos concede.

Que por matar-lhe  
Doces desejos,  
A cada instante  
Repete os beijos.

Assim brincavam

Fílis e Amor,  
Eis que o Menino,  
Sempre traidor,

Co'a pequenina  
Boca risonha  
Lhe comunica  
Sua peçonha.

Descora Fílis,  
E de repente  
Solta um suspiro  
Da alma inocente.

Mal que o gemido  
Férvido soa  
O mau Cupido  
Com ele voa.

«Ninguém, ó Ninfa  
(Diz a adejar),  
Brinca comigo  
Sem suspirar.»

### III

#### A NOITE

A Deusa que esmalta  
De estrelas o Céu  
Já tinha dobrado  
Metade do véu;

O fero inimigo  
Da ovelha medrosa  
Jazia ululando  
Na serra fragosa;

A rã rouquejava  
No túrbido lago,  
Carpia entre as moutas  
O mocho aziago;

De alados insectos  
Nos ares vagava  
Caterva lustrosa,  
Que as sombras dourava;

Os lassos Favónios  
Dormiam nas flores,  
Enquanto velavam  
Famintos Amores:

Sussurro apazível  
Que o Tejo fazia  
Coarctava a tristeza  
Da noite sombria.

Então, solitário,  
Seu mal, seus segredos  
O lânguido Elmano  
Contava aos penedos.

De gélidas gotas  
O rosto orvalhado,  
De zelos mordido,  
De vida enjoado:

«Destinos! (clamava)  
Que assim retardais  
O termo infalível  
Que imploram meus ais:

«De que me aproveita  
Viver desta sorte?  
A vida é aos tristes  
Mais agra que a morte.

«Feliza deixou-me,  
Fugiu-me a perjura  
Depois de votar-me  
Perene ternura:

«Fugiu-me, deixou-me  
Curtindo a ansiedade  
Que geram, que nutrem  
Ciúme e saudade:

«Entre estes dois males  
Meu peito se sente  
Qual entre dois lobos  
Cordeiro inocente.

«Ah Céus! Tu, minha alma,  
Tu, ídolo meu,  
Manchando teus olhos  
No torpe Sileu!

«A mão, que no peito  
Me abriu funda chaga,  
Nojoso vaqueiro  
Te beija, te afaga!

«C'os braços macios,  
Apoio das Graças,  
O colo rugoso  
Lhe animas, lhe enlaças!

«Consentes-lhe, ingrata,  
Que libe, que empeste  
Nos teus doces lábios  
O néctar celeste!

«Cedendo aos assaltos  
De impuras carícias,  
Também lhe franqueias  
Vedadas delícias!

«Ah! Vinguem-me, estorvem  
Seus júbilos ternos  
Com raios, com fúrias  
Os Céus e os Infernos!»

Aqui os sentidos  
Nas asas de um ai  
Lhe escapam, lhe fogem,  
E o mísero cai.

Nas grutas os ecos  
Ao grito espertaram,  
E, dele doídos,  
A Amor o levaram.

Voando ao fragrante  
Vergel de Citera,  
Por ti frequentado,  
Louçã Primavera,

Encontram Cupido,  
Que há pouco voltara  
De empresa brilhante  
Que ufano acabara.

Folgavam do Númen  
As carnes mimosas  
Em mole alcatifa  
De goivos e rosas;

Dormia, e na ideia  
Morfeu lhe pintava  
Sanguíneos triunfos,  
Que o mundo chorava;

Não longe, em silêncio,  
Pousavam Encantos,  
Desdéns, Esperanças,  
Sorrisos e Prantos;

Mordazes Suspeitas,  
Que o Deus vigiavam,  
Raivando, em si mesmas  
Os dentes cevavam

Do tronco de um mirto  
Pendia o luzente  
Carcás, salpicado  
De sangue inda quente;

Nas pontas ervadas  
Dos áureos farpões  
Ainda arquejavam  
Fiéis corações.

A gárrula turma  
Rodeia Cupido,  
Repete, anelante,  
De Elmano o gemido.

Eis fremem os ventos,  
Eis aves alerta,  
Convulsos os montes,  
E Amor não desperta.

Os Ecos, pasmados,  
O corpo lhe abalam  
E, apenas o acordam,  
Destarte lhe falam:

«É crivei, Menino,  
Que durmas em paz  
Ao som de um gemido,  
Que penhas desfaz?»

«Deixai-me, importunos  
(Lhes brada o travesso),  
Que ao som de suspiros  
É que eu adormeço.»

## ODES ANACREÔNTICAS

I

Veloz Borboleta,  
Que leda girando  
Penosas ideias  
Me estás avivando,

Insecto mimoso,  
Aos olhos tão grato,  
Da minha tirana  
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas  
Nas plumas brilhantes,  
Tem ela nos olhos  
Gentis, penetrantes

Tu andas brincando  
De flor para flor;  
Anarda vagueia  
De amor em amor.

## II

Os teus prisioneiros,  
Cupido, os que devem  
Saber definir-te,  
Que mal te descrevem!

És áspide (afirmam)  
Coberto de flores,  
Sedento de estragos,  
Amigo de horrores;

Sustentam, carpindo,  
Que os feres e enleias  
Com áureos virotes,  
Com férreas cadeias.

Enganam-se, ó Nume!  
Teus laços, teus tiros  
São longas madeixas,  
São ternos suspiros.

### III

De líquido aljôfar  
As faces bordadas,  
Ao vento dispensas  
As tranças douradas,

«Vingança, meu filho  
(Clamava Ericina),  
Que a vil Natureza  
Se atreve à divina.

«Em dano de um ímpio  
Mortal, que me afronta,  
Venenos prepara,  
Tormentos apronta:

«Elmano em seus hinos  
Prefere-me Isbela;  
Diz que é mais mimosa,  
Mais loura, mais bela.

«Os teus males todos  
Me vinguem, ó Nume!...»  
Amor a interrompe:  
«Não basta o ciúme?»

#### IV

Formosa Marília,  
Modelo das Graças,  
Que mil pensamentos  
Acendes e enlaças:

Àquele que animam  
Teus doces agrados,  
Terror dos Amantes,  
Mimoso dos Fados,

Se folgas de ouvi-lo  
Por ti suspirar,  
Ao Céu dos Amores  
Não deixes voar.

Dos homens ignoras  
A índole errante?  
Quem é muito amado  
Não é muito amante.

V

Do vasto abismo  
Do eterno horror  
Surgiu a Angústia  
De negra cor.

Logo após ela  
Veio o Queixume,  
E o delirante,  
Feroz Ciúme.

Determinavam  
Em crua guerra  
De pranto e sangue  
Banhar a terra.

Eis que Amarílis,  
Ídolo meu,  
Entre mil Graças  
Lhe apareceu.

Ó milagroso  
Dom da Beleza!  
No mesmo instante  
Riu-se a Tristeza;

O agro Lamento  
Mudo ficou;  
Só o Ciúme  
Desesperou.

VI

Poupando votos  
À loira Isbela,  
Se Amor falasse  
Nos olhos dela,

De almos prazeres  
Me pousaria  
Cândido enxame  
Na fantasia.

Outros, que as almas  
Também têm presas,  
Se regozijam  
De ouvir finezas.

Eu antes quero  
Muda expressão:  
Os lábios mentem,  
Os olhos não.

## VII

### *Imitada de uns versos de Monsieur Parny*

Se os Deuses me conferissem  
A suprema faculdade  
De espraiair a luz do dia,  
E a nocturna escuridade,

Tarde no roxo horizonte,  
Cândida Aurora, assomaras;  
Tarde as viçosas boninas  
Com teu pranto rociaras.

O Deus de que és precursora,  
Só duas horas, não mais,  
Vibrara neste hemisfério  
Seus raios a Amor fatais.

Mais longa seria a noite,  
Mais felices os amantes;  
E eu, a sabor dos prazeres,  
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo  
Ao grato sono a daria;  
Outra igual às brandas Musas,  
E ametade à minha Armia.

## VIII

### *Imitada do mesmo*

Brando leito de verdura,  
Linda alcatifa de flores,  
Formoso vergel, plantado  
Pelas Graças e os Amores,

Recebe estas frescas águas,  
Que te deve um grato amante,  
C'roa-te de nova ervinha,  
Viceja, lugar fragrante.

Quando lá no etéreo cume  
Raios o Sol dardejar,  
Almos, benignos Favónios  
Te venham desafrontar.

As debruçadas alfenas,  
Presas num confuso enleio,  
Miúdo pranto da Aurora  
Destilem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave peso  
Da minha Armia engraçada;  
Dobra-te, relva mimosa,  
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te à pressa,  
Que, se os brincos amorosos  
Amarrotada indicares,  
Não faltarão invejosos.

## IX

*Traduzida do latim de Argenson*

Vê se uma traça  
Podes achar  
Para meus danos  
Remediar.

– Empenha afagos,  
Roga humilhado...  
– Afago e rogo,  
Tudo é baldado.

Lídia me abrasa  
Em chama acesa;  
E as duras pedras  
Vence em dureza.

– Pulsa o laúde,  
Cantos lhe ajusta...  
– Laúde e cantos  
Despreza a injusta.

– Pranto derrama,  
Meigo te ostenta,  
Que isto a Cupido  
Também contenta. –

Brando me ostento,  
Ais da alma acesa,  
Rios de pranto,  
Tudo despreza.

– Punhados de ouro  
Solta profuso...  
– De dões tão grandes  
Só reis têm uso.

– Dome a distância  
Tão grande amor...  
– Não pode o tempo,  
Que ele é maior.

– Se nada pode  
Findar-te a lida,  
Apronta um laço,  
Põe nele a vida.

Porque te vejo  
Triste hesitar?  
Só assim pode  
Teu mal findar... –

X

ARMIA

(Pastoril)

Tardi s'avvede  
D'un tradimento  
Chi mai di fede  
Mancar non sa.

Metastásio, *A Clemência de Tito*, Acto II, cena I

Já tinha a noite estendido  
O véu de estrelas bordado,  
Estava o campo deserte,  
Mudo o vento, o mar calado:

Quando Elmano, o triste Elmano  
Para desgraças nascido,  
Suspirava, em amorosos  
Pensamentos embebido.

A lira, que noutro tempo  
Sanhudas feras domava,  
Rochedos embrandecia,  
Turves ares azulava.

A lira, que dentes fera  
Recreio e glória de Amor,  
Já não adoçava as mágoas.  
De conste medo pastor.

Jaziam pela violência  
Das paixões, e dos destinos  
Rotas as cordas brilhantes,  
Que espalharam sons divinos.

A descorada Tristeza  
Posse do infeliz tomava,  
E viçosas esperanças  
Em desenganas trocava.

Armia, a formosa Armia,  
No coração lhas plantou;  
Armia, a pérfida Armia,  
No coração lhes murchou.

Seu definhado rebanho

Em torne dele balava,  
Que de si mesmo esquecido,  
Só de Armia se lembrava.

Rouca a vez, pálido o resto,  
Junto ao Tejo sussurrante  
Pranteava solitário  
Destarte o mísero amante:

«Ecos, que morais nas grutas,  
Ondas, ventos, que dormis,  
Ah! Como não vos despertam  
Clamores de um infeliz!

Vós, a quem tenho enviado  
Tantas queixas, tantos ais,  
Seis surdos, sois insensíveis,  
Oh, céus, que me não vingam!

Por vós a traidora Armia  
Jurou de me ser leal;  
Vingai, profanados numes,  
Vosso respeito, e meu mal.

Ah! Porque não quis minha alma  
Crer nos presságios que ouviu,  
Quando Armia os falsos votos  
Neste lugar preferiu?

Súbito as ondas bramiram  
Todo o ar se enegreceu,  
Secou-se aquele ribeiro,  
Aquele rocha tremeu.

Horrendo à parte direita  
Funesto Cervo grasnou;  
Três vezes e ouvi, três vezes  
Junte de mim revoou.

Estremeci, mas a ingrata  
Que me despreza, e me enjeita,  
Não palpitou: já vivia  
A tais enganes sujeita.

Já mil amantes por ela  
Haviam sido enganados;  
Já mil vezes tinha ouvido  
Predizer-lhe a voz dos fados.

Eu inda então não sabia

Que o semblante, e o coração  
Diferem; julguei-lhe a alma  
Pela ext'rior perfeição.

Ditoso de mim se crera  
Me que e Céu me anunciou!  
Mas Armia c'um sorriso  
Meus terrores dissipou.

Em torrentes de delícias  
Engolfado o pensamento,  
Me esqueci de que não pode  
Durar e contentamento.

Quando os humanos proteges  
Ó Fortuna, a condição  
Com que outorgas teus favores  
E a curte duração.

Desta amargosa verdade  
Posso, posso exemplo ser  
Eu, que nos olhos de Armia  
Bebi celeste prazer.

Ah! Para que vens pintar-me,  
Para quê, fatal memória,  
Os luminosos instantes  
Da minha perdida glória?

Gados, bosques, fontes, penhas.  
Arvoredos, prados, flores,  
Vós, vós fostes testemunhas  
De meus ditosos amores.

Quantas vezes no regaço  
De meu bani, da minha amada  
Lancei recentes boninas,  
Dons da estação namorada!

Quantas vezes ajudado  
Dos Amorzinhos, com elas  
Lhe aumentava a formosura  
Das longas madeixas belas!

Quantas vezes a teu lado,  
E à sombra de antigo ulmeiro,  
Quando e Sol se ia sumindo  
Por detrás daquele outeiro;

Misturei cem meus prazeres.

Falsa Armia, os teus louvores,  
Adormecendo os Favónios,  
Pende inveja aos mais cantores!

Ao sem da amorosa lira  
Meus brandos versos voavam;  
Eram teus olhos piedosos  
As Musas, que me inspiravam.

Fitos, pasmados, absortos  
De alta glória os meus enchiam:  
Mil desejos me pintavam,  
Mil segredos me diziam!

Mas neles só não fiada,  
Também coa voz maviosa,  
Tingindo-te a face entanto  
Lindo pejo cor-de-rosa.

Nestas fagueiras palavras,  
Cortadas de ternos ais,  
Nestas mimosas palavras  
Que te não hei-de ouvir mais:

– Quando em Armia (afirmavas)  
Feias traições encontraras,  
Verás, suspirado amante,  
Unidos os céus, e os mares.

– Só tu, meu bem, me arrebatas  
A vontade, e pensamento;  
Vive de ver-te, e de amar-te,  
E deteste e fingimento.

Teu coração desafoga,  
Que entre temores flutua;  
Não desconfies Elmano,  
Não temas, pastor, sou tua.»

Cuidei que a voz da verdade  
Soava na vez do Armia...  
Deuses Céus! Que horror! Que assombro!  
A desumana mentia.

Não duraste longamente,  
Encantadora ilusão!  
Desfez amarga exp'riência  
Os fantasmas de paixão.

Dareis crédito, mortais,

As perfídias, que lamento?  
Ó terra, treme! Apagai-vos,  
Ó luzes do firmamento!

Armia, que ser só minha  
Votara ao deus dos Amores,  
Recebe, acolhe, premeia  
Mil cultos, mil amadores.

Cansada já de fingir  
Me aborrece, me desdenha.  
E ato azedar meus tormentos  
Toda a tirania empenhe.

Aquela, por quem movido  
De ufano, aceso transporte,  
Às vezes me presumia  
Sop'rior ao Fado, e à Morte;

Meus ledos competidores  
Sem peje, sem susto afaga,  
E pele rasgado peito  
Me vai dilatando a chaga.

Ai de mim! Nem quer ouvir-me  
Tristes ais, tristes queixumes;  
Manda que sofra calado  
Os devorantes ciúmes!

Fero Amor, e assim me roubas  
O siso, o prazer, e a paz?  
Os frutos, que tens, são estes?  
Estes os prémios que dás?

Bem como em agra montanha  
Descuidado caminhante,  
Contemplando a face pura  
De céu risonho, e brilhante:

De repente, quando a planta  
Mover distraído vai,  
Em precipício profundo  
Faltando-lhe a terra, cai:

Assim de alteroso cume  
Da minha falaz ventura  
Caí no medonho abismo  
Da desgraça, e da amargura.

Ah, desleal, que em meus mates

Sacias tua fereza,  
Que estimas ver-me penando  
Entre as garras da tristeza!

Se ninguém seus fades vence,  
Se é meu fado arder por ti,  
Suspirar, morrer de amores,  
Ao menos não seja aqui!

Se a vida, que tu condenas  
A tormentos, e ansiedades,  
Hão-de roubar-me desprezos,  
Antes ma roubem saudades.

Não posse (ai de mim!) não posso  
Vingar minhas aflições,  
Preferindo em tua afronta  
Raivosas imprecações:

Não temas que pelos troncos  
Vá teus enganos lavar;  
O terno, infeliz Elmano  
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas  
Com raiva, cem ódio vi,  
Doce ingrata, me parece  
Menos horrorosa em ti.

Adeus, eu parto a sumir-me  
Nas sombras de erma floresta,  
Até perder a cansada  
Vida fatal, que me resta.

Ali de mocho agoureiro  
Me há-de ser suave e canto;  
Ali, sem que te dê glória,  
Livre correrá meu pranto.

Ah, não verei ao menos  
Desvanecidos rivais,  
A cevar-se em meus martírios,  
A sorrir-se de meus ais.

Mas ah! Se opostos não fossem  
Os sentimentos em nós,  
Loucos, Elmano podia  
Ser tão feliz come vós.

Vós suspirais pela posse

Das externas perfeições;  
Vós cobiçais os deleites,  
Eu cobiço os corações.

Fartai-vos de ouvir mil vezes  
Juramentos de paixão,  
Que prefere a vez de Armia  
Some que e saiba o coração.

E vós, quando o quis a Sorte,  
Meu prazer, cuidados meus,  
Cordeirinhos, ovelhinhas,  
Amado rebanho, adeus!

Eis para sempre vos deixa  
O vosso infeliz pastor;  
Vai findar seus turves dias,  
Triste vitima da Amor,

XI

*À Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>D. Mariana Joaquina Pereira Coutinho*

Piedosa, excelsa heroína,  
Tu, que em transcendente altura,  
Com alma quase divina  
De uns evitaste a ruína,  
De outros criaste a ventura:

Tu, que em formosa união  
Cem refulgente nobreza  
(Acidental condição)  
Ligas mais alta grandeza.  
Grandeza de coração:

Tu, que à mãe de luso Estado,  
Chorada, augusta rainha,  
Mereceste honroso agrade,  
Colhe os ais, que te encaminha  
Triste vítima de Fado.

Teus brandos, fáceis ouvidos,  
Ouvidos há tanto afeitos,  
Senhora, a atender gemidos  
De roucos, ansiados peitos  
Pela desgraça Oprimidos:

Teu favor, tua Piedade,  
Cem que viva ao Céu te elevas,  
Abriguem minha ansiedade,  
Versos nascidos nas trevas,  
Entre a der, e a adversidade:

Pesado grilhão me oprime,  
Duro cárcere me fecha,  
Tecem-me dum erro um crime,  
E a vil calúnia não deixa  
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno escura,  
Impios zoilos derramaram  
Em vida de crimes pura:  
As cadeias me forjaram,  
Forjaram-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véu  
Meu são carácter encerra;  
Monstros me pregoam réu,

Tornam-me odioso à Terra,  
Fingem-me rebelde ao Céu:

Desesperada agonia  
Agrava mais tainha sorte,  
E a meus olhos noite e dia  
Gira o fantasma da morte  
Coa turva melancolia.

Desparziu preces em vão  
Angústia, que em mim se exalta;  
Mas no centro da aflição  
Conheço que inda me falta  
Invocar teu coração.

Esse adorável tesouro,  
Tesouro da Natureza,  
Furtado ao século de ouro,  
Pede expelir-me a tristeza,  
E mal piem, – e desdouro.

Não te implore, alta matrona,  
Come aquele, a quem o enxame  
Do vícios mil desabona,  
E em si cai depois que infamo  
Sobre e delito ressona.

Eu, desvalido mortal,  
Ludíbrio de sorte injusta,  
Amei sempre, avesso ao mal,  
As leis da virtude augusta,  
As leis da recta moral.

Se casuais erros fiz  
(Sócios da idade imprudente)  
Meu desvario infeliz  
No coração inocente  
Não teve infesta raiz.

Da vaidade activo arder,  
Que e peito inexperto inflama,  
Das Musas suave amor,  
Sede implacável de fama  
Me sumiram neste horror.

Em versos não baixo, ou rude  
A teu ânimo propicie  
Já sagnar louvores pude:  
Se grato me fora o vicio,  
Eu não cantara a virtude.

Meu crime é ser desgraçado,  
Ou talvez não ser indigne  
De atrair da Fama o brado:  
Um bando inerte, e maligno  
De inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas  
Sobre mim lançavam flores  
Viçosas, brandas, amenas,  
E cem benignos favores  
Alagavam minhas penas.

Dom divino, almo, e lustroso  
(Que a raros e Céu dispensa)  
Azedou tropel danoso:  
O mérito é grave ofensa  
Ao coração do invejoso.

Alma gentil, não presumes  
Que exagera altivo abale  
Torpes, sórdidos ciúmes;  
Se de mim com glória falo,  
Honro a dádiva dos numes.

Mas ó triste, ó maviosa  
Frase de consternação  
Já volve a voz lamentosa;  
Mais cobiço a compaixão,  
Que um nome que mal se goza.

Não te interesse o valor  
(Se algum tem) do vate aflito.  
Comova-te o dissabor,  
A desgraça, o pranto, o grito,  
Que demandam teu favor.

Exerce eficaz valia  
Que me serene a fortuna.  
Irosa fortuna impia;  
Para guarida oportuna  
Meus ais, minhas ânsias guia.

Pelo mísero intercede,  
Que a ti recorre em seus males,  
Que pronto auxílio te pede:  
O que podes, o que vales  
Por minhas angústias mede.

Dá-me a luz, que respirei

No seio da humanidade;  
Roga que se abrande a lei,  
A que a doce liberdade  
Submisso, e mudo curvei.

Que, inda que a rota lira  
No chão desprezível jaz,  
E a Musa, que já delira,  
Sem harmonia, sem paz.  
Em vez de cantar suspira:

No meu estro aniquilado  
Revivendo a morta chama.  
Te daria eterno brado,  
Se há muito o grito da Fama  
Não te houvera eternizado.

## RETRATOS

### I

Enquanto os gados  
Pascem dispersos,  
Casem-se à lira  
Meus brandos versos.

Tirso, que adoras  
Nise engraçada,  
Ouve o retrato  
Da minha amada.

Em seus cabelos  
Soltos e ondados  
Mil Cupidinhos  
Estão pousados.

Lá, convertidos  
Em virações,  
Ordenam laços,  
Armam traições.

Os olhos dela  
São como o Céu  
Depois que a Noite  
Desdobra o véu.

Tem tal virtude,  
Tal movimento,  
Que encolhe as asas  
Ao pensamento.

Na linda face  
De neve pura,  
Onde entre as rosas  
Brilha a candura,

Há certa graça,  
Certa viveza  
Mais atractiva  
Que a gentileza.

Nos doces lábios  
Qualquer sorriso  
Aviva ideias  
Do Paraíso.

Ornam-lhe o seio  
De ebúrnea cor  
Por fora as Graças,  
Por dentro Amor.

Ali assaltos  
De audaz desejo  
Move a ternura,  
Rebate o pejo.

Das melindrosas  
Mãos transparentes  
Os alvedrios  
Ficam pendentos.

Lisas colunas,  
Tais como as creio,  
De obras divinas  
Cândido esteio,

Guardam tesouro  
De alta valia,  
Que só se goza  
Na fantasia.

Ah! Que, atraído  
De imagem bela,  
Meu pensamento  
Se absorve nela!

Tirso, não posso  
Pintar o mais;  
Meus brandos versos  
Tornam-se em ais.

Já tu conheces  
A formosura  
Que foi objecto  
Desta pintura.

Quem do retrato  
Não ajuíza  
Que ou é de Vénus,  
Ou de Feliza?

## II

Vive na margem  
Do Tejo loiro  
Cândida Ninfa,  
De Amor tesoiro.

Madeiras belas  
Ao ar lhe ondeiam,  
Que os pensamentos  
Soltos enleiam.

Seus olhos ternos  
De alta beleza  
São dois milagres  
Da Natureza.

A liberdade  
Morre de os ver,  
Mas tem na morte  
Doce prazer.

Em suas lindas  
Faces lustrosas  
O pejo enfeitam  
Jasmins e rosas.

Nos puros lábios  
De acesa cor,  
Mudado em riso,  
Triunfa Amor.

Um véu lhe some  
Globos de neve,  
E a fantasia  
Só se lhe atreve.

Nas mãos formosas  
Mudos desejos  
Dão-lhe invisíveis,  
Sôfregos beijos.

De mil delícias  
Cofre sagrado  
Tão escondido  
Quão suspirado,

Recebe dela  
Virtude tanta,

Que até na ideia  
Gozado encanta.

O Deus terrível,  
O sumo Jove,  
Que os Céus ocupa,  
Que os astros move,

Um dia os olhos  
Volvendo à Tenra.  
Viu esta Ninfa  
Das almas guerra.

Sentiu de gosto  
Doce desmaio,  
Mudou de aspecto,  
Caiu-lhe o raio.

Pasmou do humano,  
Raro portento,  
Fugiu-lhe Vénus  
Do pensamento;

De novo em cisne  
Foi transformar-se,  
Mas a Virtude  
Soube o disfarce.

Ah! Se até Jove  
Ferve em ternura,  
Vendo os encantos  
De Armânia pura.

Se eles o ferem,  
Que mal, que dano  
Farão no peito  
Do terno Elmano!

## CANÇONETAS E QUADRAS

### I

#### A ARMÂNIA

Armânia, de alvo rosto,  
Encantador, divino,  
Vagava junto à margem  
Do Tejo cristalino.

Em torno à branda  
Ninfa Se ria a Natureza,  
Ufana em ter criado  
Tão nova gentileza:

Zéfiro, enchendo as rosas  
De mágoa e de ciúme,  
Ia nos lábios dela  
Gozar melhor perfume;

Lindos, subtis insectos  
À roda lhe adejavam,  
E os louros Amorinhos  
De inveja os enxotavam;

Sobre o matiz dos prados  
O deleitoso Abril  
Tornava-se de vê-la  
Mais ledó e mais gentil;

A flor, que pelo vento  
Jazera debruçada,  
Erguia o tenro colo,  
Dos tenros pés tocada;

Com rápidos gorjeios  
O rouxinol, que encanta,  
Para seguir-lhe os passos  
Ia de planta em planta;

À Ninfa, que o pisava,  
O chão se amolecia;  
Cada sorriso dela  
Abrilhantava o dia;

Dobrando a graça, o lustre  
Do azul, etéreo véu,  
No maior bem da Terra

Se recreava o Céu;

O Tejo namorado  
Cedera a urna de oiro,  
Se Amor lhe desse em troca  
Tão singular tesoiro;

Tudo prazer sentia  
Ao ver um tal portento:  
O Céu, a Terra, as aves.  
O rio, o sol, e o vento.

Mas o amoroso Elmano  
Notando oculto a Bela,  
Colhia outros efeitos  
Dos atractivos dela:

Vibravam-lhe seus olhos  
Envenenado tiro;  
Por onde a frecha entrava  
Saía-lhe um suspiro.

Eis que o menino Idálio,  
Que aos tristes amadores  
Cruentas serpes guarda  
Entre mimosas flores,

Ao som de um ai, que exala  
O mavioso amante,  
Encara, voa, e diz-lhe  
Com ríspido semblante:

«Dos Fados no volume  
Este decreto está:  
– Quem for mais extremoso  
Mais infeliz será. –»

Nisto revoa o Nume  
Da Ninfa para o lado,  
Deixando em amarguras  
Submerso o desgraçado.

Ah, lastimoso Elmano!  
O que ao traidor ouviste  
Desterra vãos desejos  
Para o silêncio triste.

Mas sempre ardor interno,  
Muda paixão te rale,  
Que a perfeição de Armânia

Os teus martírios vale.

E, se entre agudas garras  
De acerbos desprazeres  
A mil fatais combates  
Teu coração renderes,

A linda mão, que adoras,  
Enfim compadecida,  
Talvez te doire a monte,  
Se te escurece a vida.

Pode o teu ponto extremo  
Iluminar o horror  
A bela, a doce Armânia,  
Astro do Céu de amor,

Dize-lhe então, soltando  
Os derradeiros ais,  
Que antes morrer por ela,  
Do que viver co'as mais.

## II

«Deus de Amor (a Amor eu disse),  
Sou feliz, venci meu Fado,  
Quebrei de antigas tristezas  
O jugo a que estive atado;

«Achei piedade em Feliza,  
Entre as mais belas tão bela,  
Que nem tua mãe possui  
Olhos como os olhos dela.

«Aqueles astros benignos  
Com que influis teu poder  
Me deram cândidas mostras  
De ternura e de prazer.

«Tenro Deus (eu prosseguia),  
Tenro Deus, sou venturoso...»  
Eis me interrompe o Menino  
Em tom suave e piedoso:

«Meu fiel, submisso escravo,  
Triste exemplo dos amantes,  
Não folgues, não te alucines,  
És infeliz como dantes.

«lenho em vão lidado, Elmano,  
Por melhorar teu destino:  
Um poder mais formidável  
Destrói meu poder divino.

«Irrevogável sentença  
É a sentença do Fado:  
Eu desejo-te ditoso,  
Ele te quer desgraçado.

«Ah, servo meu! Vê, repara  
Se de ti doido estou:  
Teu grilhão romper quisera  
Com esta mão, que o forjou;

«Mas, infeliz, eu não posso  
Desatar teu coração:  
O jus de remir amantes  
É do tempo e da razão.

«Sabe que vens iludido,  
Feliza não te acarinha;

A compaixão que notaste  
Não era dela, era minha.

«Eu, quando! louco de amores  
A seus pés foste gemer,  
Jazia em seus lindos olhos  
Sem a tirana saber.

«Comigo ali se abraçava  
A afagadora Esperança,  
Mas no coração da ingrata  
Velava a fera Esquivança.

«Por mais que instantes de gosto,  
Ou de descuido lhe espreito,  
É baldada a vigilância,  
Não posso invadir-lhe o peito.

«Se de novo contemples  
Seus olhos, que na alma tens,  
Donde afagos mil brotaram  
Verás brotar mil desdéns.

«Abate o vão pensamento  
A tanta glória exaltado,  
E sejam teu desafogo  
Imprecações contra o Fado.»

Aqui soluço ansioso  
A doce voz lhe enleou,  
E as rosas das tenras faces  
Miúdo pranto aljofrou.

Eu desconsolado, eu mudo  
Quando dantes ledó, ufano,  
Ofrendas, que a Amor levava,  
Fui levar ao Desengano.

### III

#### A ARMIA

##### *Quadras imitadas de Monsieur Parny*

Oculte-se, doce Armia,  
Negue-se, minha Deidade,  
A cena dos nossos gostos  
À nociva claridade.

Nunca os segredos da noite  
Contemos, meu bem, ao dia;  
Frios corações ignorem  
Nossa mútua simpatia.

Amor em sendo ditoso  
Costuma ser imprudente,  
E nos gestos de quem ama  
Logo o vê quem o não sente.

Por ti receio a viveza  
De esperta mãe vigilante,  
E o Argos, que tem no peito  
Um coração de diamante,

Esse espia encanecido,  
Alma ríspida e sombria,  
Cuja espinhosa virtude  
Só com oiro se amacia.

Enquanto luzir de Apolo  
O importuno resplendor,  
Não rutilem nos teus olhos  
Desejos que acende Amor;

Se te aparecer Elmano,  
Não cores as lindas faces,  
Nem o mais leve suspiro  
Do coração desenlaces;

Mostra-me um ar distraído,  
Como quando os outros vês,  
Não haja no teu semblante  
Turbação, nem languidez...

Mas ai!, que de quanto disse  
Quase arrependido estou.  
Minha Armia, ah, não abuses

Dos conselhos que te dou!

Em nome de Amor te rogo  
Que nunca em minha presença  
Com perfeição arremedes  
A descuidada indiferença.

«Aquilo é brinco, é disfarce»,  
Diria... mas, oh tormento!  
Receoso da verdade  
Me deixara o fingimento.

#### IV

*Aos felicíssimos anos da Senhora D. Maria do Carmo*

Roxeava no horizonte  
Serenos, amoroso dia;  
Rosas e jasmims a Aurora  
No puro Céu desparzia.

De ameno matiz brilhante  
A natureza esmaltada,  
Não surgiu tão majestosa  
No ponto em que foi criada.

Como que não satisfeito,  
O Artífice divina!,  
Primoroso, último toque  
Dera ao quadro universal.

Gorjeava em tom mais doce  
O plumoso, aéreo bando;  
De ventos, flores e rios  
Era o murmúrio mais brando.

Suas plantas se vestiam  
De recendentes verdores;  
Em tudo o mês das searas  
Imitava o mês das flores.

Ganhava o Mundo desperto  
Força nova, novo ardor,  
E em benefício do Mundo  
Tinha madrugado Amor.

Suspense o costume antigo  
De velar na escuridade,  
De cerrar cansados olhos,  
Quando aponta a claridade,

Dormira o gentil Menino,  
Quando não usa dormir,  
E chusma de afáveis sonhos  
Lhe fora em torno sorrir.

Da Mãe no mole regaço  
O Deus volátil pousou,  
Depois que o plano sublime  
De estranha empresa ideou.

Qual era o desenho excelso,  
Qual a grande, ilustre empresa?  
Era dar mais luz, mais graça,  
Mais prazer à Natureza;

Era entornar sobre a Terra  
Os seus dons e os da ventura;  
Era eternizar um dia  
Consagrado à formosura;

Peitar o sol; demorá-lo  
Sobre o Tejo cristalino;  
A Jove extorquir o império;  
Romper as leis do Destino.

Mal vê que renasce o dia,  
Sai dos lares de Amatunta;  
Fugindo à mãe carinhosa,  
Os tenros sócios ajunta.

Fácil não foi congregá-los,  
Por mil partes desparzidos,  
Aqui sorrisos soltando,  
Além soltando gemidos.

Alguns descobre enredados  
Nos laços vis da avariza,  
À prepotente Fortuna  
Sacrificando a Beleza;

Alguns entre as labaredas  
De ardente bruteza impura,  
Ao negro vício teimoso  
Dando os prémios da ternura.

Vê seus bens falsificados  
Em um, em outro lugar,  
E ao longe, co'as mãos nos olhos,  
A Verdade a suspirar.

Exala um ai despeitoso  
O Menino encantador,  
E recorda os tempos de ouro  
Em que era virtude amor.

Depois de estar pensativo  
Curto espaço o meigo Deus,  
Destarte ao êxtase arranca  
Os falsos ministros seus:

«Vinde, insanos delegados,  
Que abusais do meu poder,  
Vinde nuns olhos que adoro  
Estudar vosso dever.

«E tu, Deusa profanada  
De torpe, audaz vitupério  
(Diz para a triste Verdade),  
Vem recobrar teu império.

«Tu por mim serás vingada  
Dos não devidos insultos,  
Em dois corações ligados  
Verás os teus e os meus cultos.»

Tremendo à voz poderosa,  
Salta o bando dos Amores,  
E a denegrada Deidade  
Renova os seus resplendores.

Brama o Vício abandonado,  
E à turba de balde acenas,  
Vil, caviloso Interesse,  
Que o cego Mundo envenenas.

Pára em roda ao lindo chefe  
O arrependido tropel,  
E jura às leis agravadas  
Nunca mais ser infiel.

Amor lhes dá num sorriso  
Mostras de estar aplacado,  
Na frente dos sócios voa,  
Voa a Verdade a seu lado.

À Terra não vem c'roar-se  
De teus dons, benigna Flora;  
Colhe as flores que semeia  
No etéreo jardim a Aurora.

Eis delas o coro alado  
Num ponto grinaldas tece;  
Também se enfeita a Verdade,  
Que já de adornos carece.

Mutuamente engrinaldados,  
Baixam pelos ténues ares,  
E da cândida Marília  
Pousam ledos ante os lares.

Vinha assomando entre as Graças,  
Quando a manhã renascia,  
E estranhava a Natureza  
Duas auroras num dia.

«Naquela (aos brandos sequazes  
Diz Amor) aprendereis  
A manter-me os puros gostos,  
A zelar-me as doces leis.

«Olha, Verdade lustrosa,  
Dos Céus adorável filha,  
Como o teu fulgor suave  
Naqueles encantos brilha.

«Em teu nome, em glória tua  
De Himeneu cingi no altar  
Corações incomparáveis,  
Venturoso, amável par.

«A quem me deu mil suspiros,  
De mil glórias fiz senhor;  
Ao mais extremoso amante  
Dei o maior bem de amor.

«Hoje, que em nascer Manha  
Se alteou a esfera humana,  
Hoje colherei triunfos  
Até da comum tirana.

«Hoje da terrível Parca  
O poder será coarctado:  
Contra mim não tem valia  
Leis de Jove, ou leis do Fado.

«A quem conferi tesouros,  
Que não há na humanidade,  
Também cabe em meus portentos  
Conferir a eternidade.

«Vive, encanto do universo,  
Vive sup'rior à Sorte;  
Triunfa, reina comigo  
Sobre o Tempo e sobre a Morte.

«Quando os Fados subjugarem  
O Mundo em perpétuo sono,  
E o Caos tenebroso, informe,  
Recobrar seu negro trono:

«Inda de graças c'roado,  
Dentre a desordem sombria,  
Risonho, cândido, ileso  
Surgirá teu fausto dia.

«Entre os estragos da morte  
Irás luzindo imortal;  
Suprirá tua existência  
A existência universal.

«Tenha dos Céus o destino  
Quem tem dos Céus a beleza.»  
Disse Amor, sorriu-se a Ninfa,  
E sorriu-se a Natureza.

V

INÁLIA MELHOR QUE A ROSA

Assim como a madrugada  
Na manhã de Abril formosa  
Derrama suave orvalho  
Sobre a pudibunda rosa,

Do mesmo modo Natura  
No rosto de Inália bela  
Vai lançando tantas graças  
Quantas não tem uma estrela.

À proporção que o Sol cresce,  
Na rosa se aumenta a cor;  
Em Inália a cada instante  
Se encontra graça maior.

Da rosa agudos espinhos  
A guardam do impuro tacto;  
De Inália a pureza a guarda  
Inda com maior recato.

Da rosa o doce perfume  
Um só sentido arrebatá;  
Mas o hálito de Inália  
Tanto encanta, que até mata.

Empenha-te, ó Natureza,  
Em criar flor mais mimosa,  
Que à vista da minha Inália  
É de pouco preço a rosa.

Outro ente jamais formaste  
Tão terno, nem tão perfeito;  
Quebrou-se, mal que o acabaste,  
O molde por que foi feito.

Não podes outro segundo  
Ao primeiro igual fazer;  
Porque nem sempre o acaso  
Nos deve favorecer.

Quando o faças, inda assim,  
Não terás ganhado a palma;  
Pois tu só dás a figura,  
Porém nós formamos a alma.

Alegra-te, Inália minha,  
Mais pura que a rosa pura,  
Que essa alma de que és dotada,  
É maior que a formosura.

Revive, Inália, revive  
Para modelo das flores,  
Chefe de obra da Natura,  
Doce incentivo de amores.

Ó Tempo! Ó Morte! De Inália  
Os dias vos são vedados:  
Eu li nas mãos do Futuro  
Que vos eram reservados.

## ALEGORIAS

### I

#### O ZÉFIRO E A ROSA

*Alegoria tirada de uns versos de Monsieur Parny*

Linda Rosa sobre a margem  
De um regato cristalino  
Ia abrindo o rubro seio  
Ao doce humor matutino.

Acaso um Zéfiro, errante  
Nas amorosas paixões,  
A viu, e quis dos prazeres  
Dar-lhe as primeiras lições.

Porém não foi atendido  
Da florinha esquiva e bela,  
«Por quem sois, voai; deixai-me,  
Não posso amar (lhe diz ela).

«Ainda sou pequenina,  
Ajuda apenas vos vejo;  
Tornai à tarde, e de ouvir-vos  
Talvez terei menos pejo.»

Nisto, o Zéfiro, adejando,  
Vai cuidar de outros amores,  
Que o que vos sucede, ó Ninfas,  
Sucede também às flores.

Indo já longe, eis um Euro  
Para a Rosa se encaminha  
E com rústicos afagos  
Lhe desprende uma folhinha.

Cai no arroio, e vai com ele.  
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!)  
Após esta segue-se outra,  
Depois três, e quatro, e cinco.

Finalmente o rude amante  
Mimosas graças desfaz,  
Que meigos Deuses lograram,  
Se a Rosa fora sagaz.

Volta o Favónio ansioso

Por gozar ternos carinhos;  
Mas ai, que em lugar da Rosa,  
Não acha mais do que espinhos!

Armia, observa este exemplo,  
Desterra ilusões e enganos,  
Segue Amor, antes que o tempo  
Te desfolhe a flor dos anos.

## II

### A ANARDA

Cândida pomba mimosa,  
Ave dos níveos Amores,  
Cingida por mão das Graças  
Dum lindo colar de flores:

Vénus, macia a meus versos,  
Grata aos cultos que lhe dou,  
Já desde o ninho amoroso  
Para mim te destinou.

A pomba de Anacreonte,  
Núncia dos suspiros seus,  
Tinha parte em seus desvelos,  
Tu gozas todos os meus.

Ela não foi tão fagueira,  
Tão delicada e tão bela,  
Tão doce à mãe de Cupido,  
Tão digna dos mimos dela.

Se vive na branda Musa  
Do terno, rugoso amante,  
Tu tens, juvenil Camena,  
Que te idolatre e te cante:

Tens os sons da minha lira  
Sagrados a teu louvor;  
Vezes mil nas áureas cordas  
Uno teu nome ao de Amor.

Se a que voava a Batilo  
Mereceu posteridade,  
A teus encantos compete  
Não menos que eternidade.

Se em Templo, que os muros de oiro,  
Que a base nos Céus escora,  
Defeso ao monstro implacável  
Que os próprios filhos devora,

Se junto às aras luzentes  
Da alta Memória superna,  
Em galardão de meus cantos  
Me cabe memória eterna,

Àquela enchente de glórias  
Ou tu voarás comigo,  
Ou hei-de, enfeitando o prémio,  
Morrer de todo contigo.

Não vale este excesso a dita  
De só por ti conhecer  
Que inda existia o teu vate  
Para amor, para o prazer?

Tu despertaste em minha alma  
A dormente simpatia,  
Sentimentos, que a desgraça  
Quase amortecido havia:

No horror de escuros desastres  
Abafando o coração,  
Das carinhosas delícias  
Era esquivo à comoção;

Mas apenas a meus olhos  
Em mole adejo assomaste,  
De mil serenas ideias  
Minha fantasia ornaste.

Eis surgir dentre as ruínas  
Vejo o império da beleza,  
Na alma outra vez me ressoa  
O grito da Natureza.

Torno a sonhar a ventura,  
Torno a suspirar de amores,  
E julgo o Céu resumido  
Nos teus dons encantadores.

Meus pensamentos se apuram,  
Apuram-se os meus desejos  
No ténue filtro celeste  
De teus espontâneos beijos.

Às vezes, porém, meus gostos  
Salteia azedo temor  
De que nas garras farpantes  
Te arrebate ousado açor.

Cuido ver-te injusta presa  
Do roubador famulento  
Que exulta no inacessível,  
Remoto asilo do vento;

Cuido ver-te lacerada  
De fero, voraz instinto,  
E quantas feridas sentes,  
Em dobro, em tresdobro sinto...

Mas longe, longe desta alma,  
Arrepiados terrores;  
Cessai, que no meu tesoiro  
Estão velando os Amores:

Eles não querem perdê-lo,  
Eles sabem-lhe a valia,  
Sabem quanto a Natureza  
Deste penhor se atavia.

Porém tu, Menino Idálio,  
Se te enternecem meus ais,  
A teus prodígios imensos  
Ajunta um milagre mais.

Deixando-me a vida ileza,  
Abre-me o peito inflamado,  
Abre, ó Nume, e desvanece  
Este medroso cuidado.

A gentil pomba, que adoro,  
Dirige co'a tenra mão;  
Em meu peito se resguarde,  
Pouse no meu coração.

## CANÇONETAS BÁQUICAS

*Improvisadas para a mesa*

I

Amor é fonte  
De riso e graça,  
Porém não passa  
De um só sabor:  
    O doce Baco  
    Tempera Amor

II

Baco entre o coro  
Das lindas Graças  
Exaure as taças  
De almo elixir.  
    Dum deus o exemplo  
    Cumprer seguir.

III

Descuida-se Jove  
Na olímpica mesa  
Da suma grandeza,  
Do eterno poder;

Consente um sorriso  
Nos lábios, que molha,  
E humano se antolha  
No gesto, no ser;

A monotonia  
Dos bens, em que impera,  
O néctar lhe altera,  
Lhe faz esquecer:

O néctar que adoça  
Mortais azedumes,  
Até entre os Numes  
Matiza o prazer.  
    Se Júpiter bebe,  
    Não hei-de eu beber?

#### IV

De Baco opulento  
Compõe-se o tesouro,  
De pérolas, de ouro,  
Topázio, rubi.

Do néctar sentindo  
Nas fauces o travo,  
Misérrimo escravo  
Desdenha o Sofi.

Lustrosas quimeras  
Lhe vagam na mente,  
Do mundo é contente,  
Contente de si.

Amigos, libemos  
O pico sagrado,  
Tão mal condenado  
Na seita de Ali.

Teimosos cuidados,  
Caterva importuna,  
Visões da Fortuna,  
Deixai-nos, fugi.  
    O nosso universo  
    Não passa daqui.

#### V

Em torno a Baco  
Sussurra, adeja,  
Ri-se, graceja,  
Cintila Amor.

Ao Deus Idálio  
Baco é preciso,  
Dobra-lhe o riso,  
Lhe acende a cor.

Amor, ó Baco,  
Tem por costume  
Juntar seu lume  
Com teu ardor.

Ambos se adorem  
Com igualdade;  
Tenha a vontade

Mais de um senhor.  
Baco triunfe,  
Triunfe Amor.

## IMITAÇÃO ANACREÔNTICA

Em torno de áurea colmeia  
Amor adejava um dia;  
E, a mãozinha introduzindo,  
Húmidos favos colhia.

Abelha, mais forte que eu,  
Porque de Amor não tem medo,  
Eis do guloso menino  
Castiga o furto num dedo.

Chupando o tenro dedinho,  
Entra Cupido a chorar,  
E, ao colo da mãe voando,  
Do insecto se vai queixar.

Vénus, carinhosa e bela,  
Diz, amimando-o no peito:  
«Desculpa o que te fizeram,  
Recordando o que tens feito.

«O ténue ferrão da abelha  
Dói menos que teus farpões:  
O que ela te fez no dedo  
Fazes tu nos corações.»

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*